

Livro revela a saga e o drama dos xavantes

Rico em tradições culturais, povo indígena do Brasil Central sofre com desnutrição e doenças infecciosas

Ana Lucia Azevedo

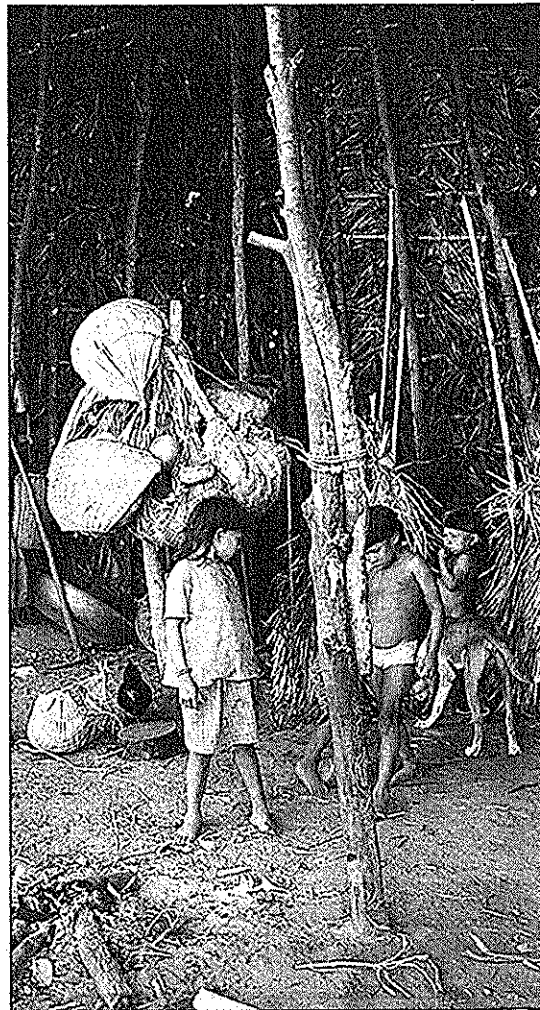
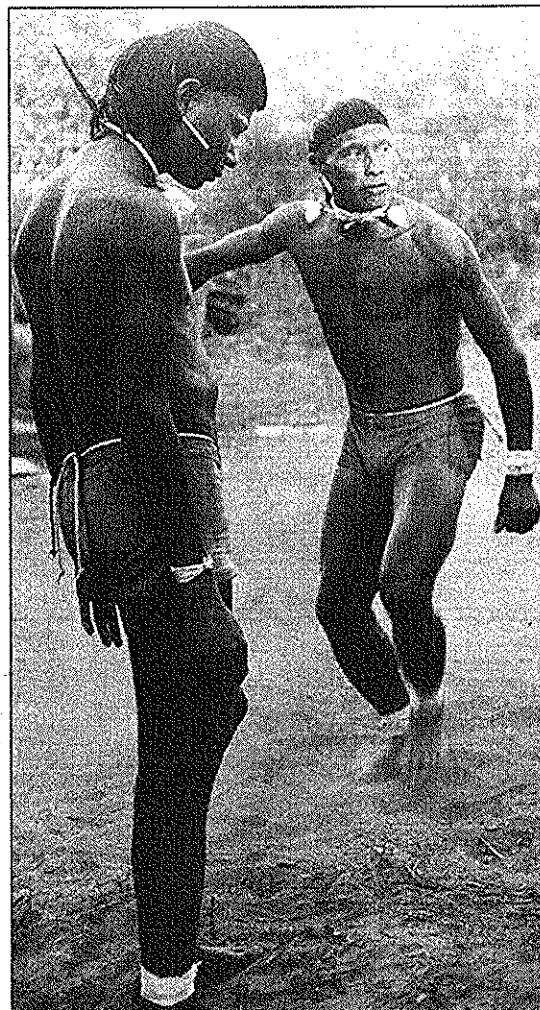
• Um povo dos campos do Brasil Central cuja história é um microcosmo da própria história da ocupação do país, com suas lutas e desigualdades, se tornou tema de um livro que almeja chamar a atenção para o drama dos índios. "Xavante in transition. Health, ecology and bioanthropology in Central Brazil" (Xavante em transição. Saúde, ecologia, e bioantropologia no Brasil Central) foi recém-lançado pela University of Michigan Press e sairá em português, editado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no segundo semestre. Seus autores — três brasileiros e uma americana — esperam que com a história dos xavantes possam também mostrar os problemas e o esquecimento a que foi relegada a maioria dos povos indígenas do planeta.

Xavantes têm uma longa história de resistência

O livro reuniu o sanitarista e antropólogo Carlos Coimbra, o bioantropólogo Ricardo Ventura Santos, ambos da Fiocruz, o geneticista Francisco Salzano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e a antropóloga americana Nancy Flowers. Todos com anos de pesquisa de campo com os xavantes.

Motivos para a escolha dos xavantes como tema não faltaram. Trata-se de um povo com longa história de resistência ao colonizador branco e também um dos primeiros a se organizar politicamente para defender seus direitos — o ex-deputado federal Mario Juruna, por exemplo, era xavante. Coimbra e Santos, também pesquisador do Museu Nacional, explicam que, além disso, o xavante é um povo estudado há muito tempo por antropólogos, médicos e geneticistas. Há fontes abundantes para permitir traçar um panorama da ecologia humana, da saúde e da história desse povo.

— Há registros sobre os xa-



Nancy Flowers

OS XAVANTES retratados pela antropóloga Nancy Flowers: tradição ameaçada pela falta de assistência

vantes em mapas do século XVIII. É um povo indígena bem documentado do ponto de vista histórico. Ao acompanhar sua história, suas migrações e sua resistência, se reconstitui também a história da ocupação do interior do Brasil — diz Santos que, como os demais autores, trabalhou entre os índios, no Mato Grosso.

Ao reunir especialistas em saúde pública, antropologia e genética, os autores procuraram dar à obra abrangência maior.

— Procuramos fazer um trabalho que fosse útil para a compreensão não só dos problemas dos xavantes, mas de todos os outros povos indígenas — observa Coimbra.

Parte das pesquisas que serviram de base para o livro foi

iniciada há 40 anos, quando Francisco Salzano, um dos mais respeitados especialistas do mundo em genética de populações indígenas, começou a trabalhar com a comunidade xavante de Eténitépa, no território indígena de Pimentel Barbosa, no Mato Grosso. E é o atual chefe de Eténitépa, Tsuptó Buprêwen Wairi, que assina o prefácio do livro, no qual diz esperar que as pesquisas ajudem a melhorar as condições de vida do seu povo.

— O xavante é um povo ativo e politizado. Sabe que a sociedade brasileira está em débito com ele. Esperamos que as pesquisas reunidas no livro possam ser usadas em seu benefício. Essa também é a esperança deles, que colabo-

raram muito conosco — afirma Francisco Salzano.

E a vida dos xavantes, que em meados do século XX estiveram à beira de desaparecer, tem sido dura. As migrações pelos campos cerrados foram trocadas pela vida em áreas demarcadas e novas levas de doenças não têm cessado de chegar.

Hoje, há cerca de nove mil xavantes e o risco de extinção está afastado. Mas esse povo sofre um drama de saúde pública ainda pouco compreendido pelos cientistas: uma combinação de doenças crônicas e infecciosas que lhes ceifa a expectativa e a qualidade de vida. As doenças infecciosas, um problema antigo, continuam a afetá-los. Mas somaram-se a elas males crônicos, típicos da vida urbana e se-

História de dificuldades

Reprodução



O MAPA DO século XVIII mostra aldeias

• Durante séculos, até a chegada do conquistador europeu, os xavantes foram senhores dos campos do Brasil Central, o mesmo cerrado que hoje, como eles, luta para não desaparecer engolido pela expansão da fronteira agrícola. Eles se autodenominam akwe e fazem parte dos povos da família lingüística Jê do Brasil Central.

De acordo com estimativas da ONG Instituto Sócioambiental, os xavantes são hoje aproximadamente 9.600 pessoas.

Vivem em mais de 70 aldeias nas oito áreas que constituem seu território, uma região que se estende pela Serra do Roncador e pelos vales dos rios das Mortes, Culuene, Couto de Magalhães, Botovi e Garças, no leste do Mato Grosso.

Um dos períodos mais críticos para o povo xavante ocorreu durante a marcha pelo oeste do governo

getulista, com o Programa de Integração Nacional, em 1946. Nos anos que se seguiram eles foram obrigados ao contato forçado com o branco e sofreram com massacres e epidemias.

Hoje, porém, se ainda sofrem com a falta de assistência médica e políticas de saúde pública adequadas para as suas necessidades, os xavantes orgulham-se de seu rico patrimônio cultural. Eles estão entre os povos indígenas brasileiros que mais defendem e preservam suas tradições.

dentária, como complicações cardiovasculares e diabetes.

— No Brasil não-indígena a transição das doenças infecciosas para as crônicas está muito relacionada ao aumento da expectativa de vida. Mas este não é o caso dos xavantes. Entre eles, essas doenças emergem mais cedo e não vieram associadas ao envelhecimento da população. Há muitos casos de diabetes do tipo II (ligada à obesidade) em pessoas na faixa dos 20, 30 anos — diz Santos.

Associada a isso, é elevada a mortalidade infantil, em geral causada por diarreia e infecções pulmonares. Os cientistas não sabem explicar completamente a emergência das doenças crônicas. Uma das possibi-

lidades é a combinação de má nutrição e sedentarismo.

— Infelizmente, a mortalidade infantil e a desnutrição são muito elevadas entre os xavantes. Por falta de condições, a alimentação em muitas comunidades é de baixa qualidade com muito arroz, muita gordura — destaca Coimbra.

Ele, Santos e Salzano destacam que, na verdade, ainda se sabe muito pouco sobre a saúde dos índios brasileiros e os xavantes não são exceção.

— A influência cultural indígena no Brasil é grande e marcante. Mas, paradoxalmente, o índio é vítima de uma invisibilidade demográfica, epidemiológica, sanitária. Essa é uma situação que precisa mudar urgentemente — frisa Santos. ■